

## **Os espaços de sociabilidade literária na Porto Alegre da primeira década do século XX**

CÁSSIA DAIANE MACEDO DA SILVEIRA\*

Robert Darnton, em *O Beijo de Lamourette*, propõe que coloquemos um fim na história da literatura como “o grande homem e o grande livro”. Na perspectiva deste autor, “os grandes livros fazem parte de um conjunto canônico de clássicos selecionados retrospectivamente, ao longo dos anos, pelos profissionais que se encarregaram da literatura – isto é, pelos críticos e professores universitários cujos sucessores agora desconstróem-na” (DARNTON, 1990: 145).

Partindo desta observação, este trabalho pretende reconstituir alguns aspectos do mundo literário da cidade de Porto Alegre na primeira década do século XX. Trata-se de um período sem “grandes livros” ou “grandes homens”, mas que, assim mesmo, teve homens e livros, homens que acreditavam na literatura que faziam e nas ideias estéticas que defendiam. Meu objetivo com uma pesquisa deste tipo não é apenas “dar vida” a esses nomes esquecidos, mas sim compreender como os intelectuais, reconhecidos ou não pela posteridade, se organizaram em diferentes épocas, mesmo naquelas que pareciam menos propícias a sua organização. Entender os espaços frequentados por estes homens e mulheres, os locais que reconheciam como apropriados para a vida literária, as regiões da cidade onde se localizavam as editoras e livrarias – e que conotação tinham tais locais na geografia da cidade – pode dizer muito sobre como a cidade lidava com os livros e com a literatura, que espaços (dignos ou não) destinava a esta atividade e a seus produtores.

De uma maneira geral, esta pesquisa insere-se no campo de estudos denominado por Jean-François Sirinelli (2003) como “história dos intelectuais”, a reflexão acerca deste “pequeno mundo estreito” no qual os intelectuais se vinculam uns aos outros por uma série de laços de afeição e afinidade, em torno de lugares de sociabilidade, tais como uma revista ou uma editora. A fim de dar conta de uma investigação de tal caráter, Ângela de Castro Gomes propõe que seria preciso que o pesquisador acompanhasse “as trajetórias de indivíduos e grupos; que caracterizasse seus esforços de reunião e de

---

\* Doutoranda em História pela UNICAMP. Bolsista CAPES.

demarcação de identidades em determinados momentos; e que associasse tais eventos às características-projetos de sua produção intelectual” (GOMES, 1999: 11). É o que se pretende realizar neste trabalho.

## I.

Vivaldo Coaracy foi um carioca expulso da Escola Militar da Praia Vermelha pelo levante de 1904. *Bom vivant*, perdeu todo o dinheiro herdado da família e, por vergonha de sua sorte, decidiu entrar num vapor que o levasse para um lugar distante dos olhares de censura e reprovação de seus antigos companheiros no Rio de Janeiro. Este lugar foi a cidade de Porto Alegre, em suas palavras, pequena e suja, cheia de mosquitos, mas que se tornou seu lar desde o ano de 1905.

A vinda de Vivaldo Coaracy para o Rio Grande do Sul esteve na contramão do movimento natural dos escritores do período, que ele mesmo identificou:

*No começo do século, os escritores rio-grandenses só conseguiam tornar-se nacionalmente conhecidos, como os das outras províncias, quando se transportavam audazmente para o Rio. Foi o que sucedeu, para citar poucos exemplos, com Alcides Maia, Marcelo Gama, Álvaro Moreyra e Filipe de Oliveira. O que não impedia que, em Porto Alegre, existisse um meio literário, um grupo numeroso com preocupações intelectuais (COARACY, 1962: 56).*

Mesmo os literatos citados, que fizeram suas carreiras no Rio de Janeiro, vivenciaram os espaços do mundo intelectual da cidade de Porto Alegre na primeira década do século XX, e constituíram tanto os modos de ser escritor, quanto novas possibilidades de sucesso na carreira das letras sem a necessidade de sair do sul do país.

Como Vivaldo Coaracy descreveu, em 1905 Porto Alegre era uma cidade pequena e com uma série de problemas de ordem material e sanitária, especialmente para um observador vindo do Rio de Janeiro, capital e centro cultural do país. Porém, Coaracy também achou importante notar que contrastava com este aspecto materialmente tão pobre, a intensa vida de calçada daquela cidade onde muito se bebia e muito se jogava:

*Ruas sempre movimentadas. Na Rua Sete, dos bancos e das grandes casas atacadistas, o movimento dos negócios. Na Rua da Praia, onde se concentrava o comércio retalhista, constante vaivém nas lojas, nos cafés, nas confeitarias. Grupos sempre formados e reformados, falando alto, discutindo, em exclamações explosivas. Lá embaixo, nas vizinhanças do Mercado farto, junto ao cais, embarque e desembarque de cargas nos vapores das diversas linhas de navegação fluvial. Ao longo do Caminho Novo (Rua Voluntários da Pátria, nome oficial), beirando o leito da Estrada de ferro, intenso tráfego de carroças servindo aos armazéns e às fábricas numerosas que se localizavam para aquelas bandas. A Ladeira, o íngreme aclive que ligava a Rua da Praia ao Largo da Matriz, era bordada, de um lado e outro, pelos cartórios e escritórios de advogados. Por ela subiam ou desciam, em movimento contínuo, os que tinham negócios no foro ou nas repartições públicas, os políticos que se dirigiam ao Palácio ou à Assembleia, os curiosos à cata de notícias, os funcionários. Ao se cruzarem, os conhecidos se saudavam ou interpelavam, de uma calçada à outra, falando alto, aos brados, destacando as vogais, escandindo as sílabas, naquela pronúncia peculiar dos gaúchos, levemente acastelhanada (COARACY, 1962: 7).*

Esta longa citação nos ajuda a mapear os lugares da cidade e seus perfis. A identificação de certos conjuntos de ruas com o tipo de estabelecimento ali predominante nos permite compreender as regiões mais ou menos valorizadas, e onde os estabelecimentos que vendiam livros se localizavam. Também é possível localizar na cartografia de Porto Alegre os locais onde os letrados viviam, se reuniam, debatiam seus textos e se encontravam para beber e se divertir, formando grupos dispersos pela cidade e com características próprias: cada grupo tinha uma identidade que lhe era peculiar e que se definia em oposição a outros grupos de letrados.

A vida literária em Porto Alegre certamente acontecia sobretudo na rua da Praia, nome popular da rua dos Andradas. Era a avenida mais *chic* da cidade, onde localizavam-se os estabelecimentos de porte mais requintado, como joalherias, comércio de louças finas, instrumentos musicais e butiques. Era também na rua dos Andradas que havia se instalado uma das principais Livrarias do período, a Livraria Universal. Ela tinha “grande sortimento de livros escolares, livros científicos, de

devoção etc, tanto nacionais quanto estrangeiros, novidades de literatura francesa” (AZAMBUJA, 1899), além de assinar qualquer jornal estrangeiro. Era igualmente na rua dos Andradas onde se localizavam os principais cafés e bares frequentados pelos porto alegrensenses.

Foi justamente na rua dos Andradas, esquina com a rua Uruguai, numa tarde de 1908, o local onde pela primeira vez se encontraram os amigos e poetas Eduardo Guimaraens e Mansueto Bernardi: “Estava anoitecendo. E, como todas as lojas permanecessem então abertas até mais tarde, percorremos juntos, em seguida, os principais centros da vida mundana e literária da cidade, que eram aquela artéria, as livrarias e os cafés” (BERNARDI, 1944: 7).

Eduardo Guimaraens pertencera a um dos muitos grupos de literatos que percorriam, dia a dia, as ruas movimentadas de Porto Alegre: o grupo da Praça da Misericórdia. Com ele, frequentavam esta praça Álvaro Moreyra, Felipe d'Oliveira, Homero Prates, Carlos de Azevedo, Antonio e Francisco Barreto. Álvaro Moreyra, anos mais tarde, lembraria daquele tempo com saudade:

*Todas as noites, uns rapazes se juntavam por fim na Praça da Caridade, em frente da Santa Casa, e ali se despediam até de madrugada, conversando, declamando, espalhando no ar adormecido irreverências e fanatismos. Todas as noites e todas as estações. Naquele tempo, as estações marcavam principalmente os sentimentos literários, apesar do frio de julho e do calor de janeiro. Sete rapazes. Cada um com o seu jeito. Nenhum influía em nenhum (MOREYRA, 2007: 42).*

Mansueto Bernardi identificou ainda a presença de outros grupos de literatos naquele mesmo período, reunidos em outros locais. Havia o grupo do Correio do Povo, então principal jornal da cidade, formado por Caldas Júnior, Zeferino Brazil, Paulino de Azurenha, Mário Totta, José Carlos de Souza Lobo e Emílio Kemp. Também formado pela redação do jornal, Alcides Maya, Marcelo Gama, Fábio de Barros, Pedro Velho e José Picorelli formavam o grupo do Jornal da Manhã.

Reunidos em torno de um estabelecimento comercial que cresceu muito nesta primeira década do século XX, vindo a tornar-se um dos mais importantes do país nos anos seguintes, estava o grupo da Livraria do Globo, formado por João Pinto da Silva,

Rubens de Barcellos e Moisés Vellinho. Em torno da Escola Militar, reuniam-se César de Castro e Lauro de Oliveira. Na Praça da Harmonia, era Alceu Wamosy, De Souza Júnior, Dionélio Machado e Décio Coimbra que se encontravam regularmente.

Havia ainda os grupos de Peri Melo, Paulo Labarthe e Garcia Margiocco; de Raul Bopp, Márcio Dias, André Carrazzoni e Olmiro Azevedo; e o grupo da Matilha, formado por Vitor Silva, Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura. Isoladamente, peregrinavam pela cidade Roque Callage, Barbosa Neto e outros (BERNARDI, 1944: 14).

Como se vê, alguns locais eram propícios para a formação de grupos de intelectuais, como as redações de jornais, instituições de ensino e, mesmo, praças públicas. Outros autores e memorialistas enfatizam também a importância destes espaços para o florescimento de debates intelectuais na cidade de Porto Alegre. Entretanto, podemos observar a ainda inexpressiva atuação das livrarias e casas editoras como centros aglutinadores de intelectuais – com exceção da Livraria do Globo, que, a bem da verdade, iniciou seu crescimento ao longo, justamente, desta primeira década do século XX.

Quando Eduardo Guimaraens fez 16 anos, em 1908, seu pai lhe pagou a impressão de uma coletânea de versos intitulada *Caminhos da vida* (BERNARDI, 1944: 11). Esta era uma das únicas possibilidades que a cidade oferecia para a publicação de livros, em particular aqueles de caráter literário. Vivaldo Coaracy (1962: 62) lembra que os livros publicados em Porto Alegre, no início do século XX, eram pagos do próprio bolso, já que nenhuma editora se animava a publicar literatura. De fato, as obras de caráter literário publicadas em todo o estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1900 a 1910, restringem-se ao número de 58.<sup>1</sup>

O total de tipografias e casas editoras localizadas no estado do Rio Grande do Sul, no mesmo período, foi de 20 estabelecimentos, mas devido ao número ínfimo de publicações de algumas delas, pode-se supor de que se trata de publicação individual, do próprio autor. As maiores, sem dúvida, são a Livraria Americana e a Livraria do Globo – que aumenta a quantidade de suas publicações na segunda metade da década. A

---

<sup>1</sup> Para chegar a este número foi utilizada como referência a obra de Ari Martins, *Escritores do Rio Grande do Sul*. MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: URGs/IEL, 1978. Além disso, a biblioteca de Júlio Petersen, que encontra-se na PUC/RS e que é um dos principais acervos literários do Rio Grande do Sul, foi consultada, tanto para verificação de dados, quanto para inclusão de novas obras.

Livraria Universal segue as anteriores de perto, especialmente se considerarmos os diversos nomes que ela recebeu de cada um dos irmãos que a gerenciou.<sup>2</sup> Não se trata, como se percebe, de um número grande de tipografias e editoras, mas, de todo modo, a quantidade de publicações literárias ao longo de uma década deixa a desejar. Em geral, a prioridade era dada a publicações de conferências, discursos, livros didáticos, panfletos, tratados (de direito, geografia etc) e publicações de caráter religioso, como histórias de vidas de santos etc.

Com a escassa possibilidade de publicar seus versos por alguma editora local, e menos chances ainda de viver com o dinheiro de seus livros, os literatos rio-grandenses contentavam-se em escrever para os jornais existentes no período, ainda fortemente vinculados à política. Quem sabe, as boas relações travadas com os proprietários destes jornais (e, portanto, de suas oficinas tipográficas) poderia levá-los, até, à publicação de uma obra de lavra própria.

Segundo Alcides Gonzaga, jornalista em Porto Alegre durante toda a primeira metade do século XX, o Correio do Povo era, dentre todos os jornais da cidade, aquele que mais concentrava literatos, de modo que Caldas Júnior, seu proprietário, chegou a ser considerado um mecenas das boas letras (GONZAGA, 1944: 82). A Tipografia do Correio do Povo, contudo, e a despeito de ser a mais moderna da província, não tinha por característica publicar livros, fossem literários, fossem de outro gênero.

Vivaldo Coaracy (1962: 16) também sustentou a opinião de que o Correio era o jornal mais adaptado ao novo jornalismo, mais ligado à informação diária, e menos imbricado com partidos e facções políticas. De fato, o Correio do Povo congregava em sua redação uma boa parte da intelectualidade rio-grandense, muitos de inclinação literária. Diz Alcides Gonzaga:

*Desde 1900 quando comecei, ainda colegial, a freqüentar o Correio, encontrava na redação os grandes valores da intelectualidade gaúcha e, entre eles, alguns remanescentes da numerosa e turbulenta coorte dos boêmios, que julgavam poder produzir belas obras só quando se sentiam mareados em terra firme. As pesadas libações não custavam muito. Um ou dois martelos de puríssima caninha ou de 'lambe-sola' ingeridos no*

---

<sup>2</sup> Todas as informações sobre as editoras e tipografias do Rio Grande do Sul foram obtidas com base em levantamento realizado a partir do livro de Ari Martins. MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: URG/IEL, 1978.

*butequim de Damiani & Marchetti, com entrada pela praça da Alfândega e saída pela rua da Ladeira, onde se encontra hoje o edifício do Banco de Londres, bastavam para perturbar muitos de nossos notâmbulos. Quem não ingerisse qualquer bebida alcoólica, ou não aspirasse um lenço ensopado em éter ou uma 'prise', não seria o preferido das musas. Entre os boêmios que encontrei na minha adolescência, lembro-me de quatro com quem privei assisuidamente: Zeferino Brasil, Pedro Velho, Otávio Dornelles e Marcelo Gama (GONZAGA, 1944: 82).*

O Jornal da Manhã foi fundado por Alcides Maia, quando este retornou do Rio de Janeiro no ano de 1907. Este jornal também congregou a intelectualidade rio-grandense, muito embora tenha investido mais em nomes novos, na “nova geração” que então surgia e tentava se firmar. Álvaro Moreyra, que nos foi apresentado como um dos jovens integrantes do grupo da Praça da Misericórdia, chegou a fazer parte do corpo de redatores, juntamente com alguns de seus companheiros de encontros noturnos:

*Fui do colégio dos Padres, em São Leopoldo, para o jornal, em Porto Alegre. Diretamente da fábrica para o consumidor. O jornal, de acordo com a minha idade, se chamava Petit Journal, dirigido por Batista Xavier, que partiu de vez. [...] Do Petit Journal passei para o Jornal da Manhã que Alcides Maya fundara, com Carlos Peixoto na gerência, Fábio de Barros, José Picorelli, Homero Prates, Felipe d'Oliveira entre os redatores, Pedro Velho na revisão (MOREYRA, 2007: 27).*

As redações de jornais eram ponto de encontro óbvio dos letrados, já que eram também seus locais de trabalho. Mas havia, assim como aqueles grupos organizados em torno das praças da cidade, outros locais de reunião escolhidos, eleitos pelos grupos de intelectuais como parte de suas rotinas. Os salões, sem dúvida, integram a lista dos locais deste tipo, por serem pontos de encontro definidos exclusivamente pelo interesse estético, para recitar e discutir poesias, e usufruir de entretenimentos diversos ligados à arte e à cultura.

Os salões não são uma instituição nascida na Primeira República brasileira. Contudo, é neste período que este espaço, intermediário entre a vida doméstica e a vida pública, assume um caráter mais diversificado, pois passam a ser promovidos não apenas pelos principais representantes das elites agrárias brasileiras, como o eram

durante o Segundo Reinado, mas também por homens de negócios, editores, profissionais liberais – ou seja, ganham uma conotação bem mais urbana do que outrora tiveram.

Jeffrey Needel, discutindo os salões promovidos na cidade do Rio de Janeiro, argumenta, no entanto, que duas características essenciais dos salões no Segundo Reinado se mantiveram durante a Primeira República, a despeito desta transformação: “Em ambas as épocas, o salão era, primeiro, um aspecto importante e informal do sistema de poder na estrutura sócio-econômica carioca e, segundo, algo definido e expresso em termos culturais idênticos” (NEEDEL, 1993: 136).

Em Porto Alegre, alguns cidadãos também organizavam encontros de cunho literário, onde se discutia as principais obras, recitava-se poesias e debatia-se projetos estéticos. O jovem escritor Eduardo Guimaraens costumava freqüentar, por exemplo, o salão da família Braga Barreto,

*que era composta quase toda de artistas, alguns dos quais ilustres por mais de um título, como a soprano Olinta Braga e o barítono Andino Abreu. No salão dessa família, com a qual depois se entrelaçou em conseqüência do matrimônio, Eduardo fez-se amigo íntimo do maestro Araújo Vianna, o malogrado compositor da ópera Rei Galaor (BERNARDI, 1944: 15).*

Dona Olinta Braga era mesmo uma importante representante da vida cultural em Porto Alegre. Uma das fundadoras do Instituto Livre de Belas Artes, em Porto Alegre, no ano de 1908, ela tornou-se também professora de canto no Conservatório de Música deste Instituto, fundado em 1909.

Álvaro Moreyra conta também como passava seu tempo pelos salões:

*A noite começava na casa de dona Otília Barreto. De nós, os certos: Homero e eu. Felipe comparecia muito. Carlos ia de quando em quando. Eduardo não ia, por paixão. Chico era de casa, mas nem sempre estava em casa. Antonius também era de casa, saía quando nós entrávamos, porque nos achava burríssimos, representado de 'estetas'. Entretanto, de nós todos Antonius foi o único que enlouqueceu. O único sincero. Na casa de dona Otília, Murilo de Carvalho, de volta de Paris, cantou as coisas mais lindas deste mundo, com uma cara de Pierrot de Willette e uma voz que Antonius chamava: “de salão”, e Felipe: “de alma”. Fizemos a segunda geração da casa de dona Otília, que tanta influência exerceu em nós. Casa de artistas.*



*Casa onde só a inteligência interessava. A primeira geração foi a de Alberto Barcellos, Victor Bastian e Alziro Marino. Alziro Marino prosseguiu desconfiando de que tinha ficado idiota, e ao contrário de outros que nunca desconfiaram, não ficou (MOREYRA, 2007: 39).*

O que se percebe nas lembranças de Álvaro Moreyra é um forte fator aglutinador, inclusive formador de uma identidade de grupo, advindo da frequência aos salões. Não apenas era um local onde um grupo de amigos podia se encontrar, mas também, e talvez o mais importante, era um local onde o grupo podia debater os assuntos que seriam tornados importantes a todos e a cada um. A troca de experiências, como a viagem a Paris relatada por Murilo de Carvalho, formava um repertório de práticas a serem incorporadas enquanto valores compartilhados pelo grupo, anteriormente ligado apenas pela afeição mútua, pela amizade.

Raymond Williams, em seu clássico artigo sobre o grupo Bloomsbury, afirma que devemos nos perguntar

*se alguma das ideias ou atividades compartilhadas entre eles [o grupo de intelectuais] foram elementos de sua amizade, contribuindo diretamente para sua formação e distinção como um grupo, e, mais do que isto, se existia algo sobre a forma como eles se tornaram amigos que indicasse fatores sociais e culturais mais abrangentes (WILLIAMS, 1999: 141).*

Nesse sentido, a identificação dos espaços freqüentados pelos letrados e do significado por eles relacionado a esses espaços, é de fundamental importância na compreensão mais geral do *ethos* do grupo, de suas características sociológicas e do seu funcionamento enquanto grupo. Indo mais além, seria crucial para compreendermos, em uma pequena escala (na escala de um grupo), o próprio funcionamento do sistema literário como um todo, com suas influências, temáticas de predileção em cada época e escolhas formais.

Um outro ponto de encontro de eleição dos intelectuais surgiu justamente nesta primeira década do século XX: são as conferências literárias. Surgidas no Rio de Janeiro por volta do ano de 1905, tais encontros iniciaram no Instituto de Música, passando, posteriormente, a serem promovidas no edifício do Jornal do Comércio ou no elegante e novíssimo salão da Biblioteca Nacional.

João Neves da Fontoura, que em 1905 ainda era estudante na Faculdade de Direito de Porto Alegre, antes de tornar-se um importante político com a Revolução de 1930, recorda o tempo em que as tais conferências eram uma novidade para as elites cariocas:

*Era chic freqüentá-las. O grupo de elegantes (hoje se diria gente de bem) passou a denominar-se 'Os 300 de Gedeão'. Eles é que comandavam a vida carioca nos teatros, nas festas, nos bailes, nas questões de gosto e até na leitura dos vint de paraitre, que enchiam as vitrinas do Garnier ou do Briguiet. 'Os 300 de Gedeão' consagraram as conferências literárias. Era o bastante (FONTOURA, 1958: 72).*

Foi Alcides Maia, o experiente literato rio-grandense já vivendo no Rio de Janeiro desde o ano de 1903, quem primeiro trouxe a requintada prática ao extremo sul do Brasil. Em dezembro de 1906, em editorial no jornal Correio do Povo, anunciou o ciclo de conferências a ser realizado pelo eminente literato Coelho Netto no Rio Grande do Sul. Antes disso, porém, alguns dos mais importantes intelectuais locais já andavam a reproduzir a prática carioca: Fábio de Barros, por exemplo, já fazia conferências no Clube Caixeiral – entidade dos empregados do comércio de Porto Alegre – desde julho daquele mesmo ano. Embora já se tratasse de um local de convívio entre os letrados, foi sem dúvida a conferência de Coelho Netto que marcou época entre os literatos rio-grandenses.

Provavelmente, a importância da conferência não fosse tanto o seu conteúdo, em geral uma exposição genérica sobre algum tema, como nos conta João Neves da Fontoura:

*a conferência literária, por mais eminente que fosse o conferencista, dava sempre a impressão de cuidadosa colheita num bom fichário. Os oradores reproduziam sobre o Amor, a Ilusão, a Morte, a Esperança, a Mulher e outros temas semelhantes tudo quanto Dante, Skakespeare, Dickens, Goethe haviam escrito a favor ou contra (FONTOURA, 1958: 73).*

Sua relevância estava, por um lado, na sua possibilidade de aglutinação dos letrados e, por outro, por evidenciar a existência de um mundo intelectual vivo e, de

alguma forma, disposto a ser atuante. Abria uma nova possibilidade, ainda muito ligada a modos aristocráticos de existência, de atuação dos letrados, de algum modo mais próximos da sociedade.

Para a nova geração, a vinda de Coelho Netto ao sul do Brasil foi fundamental na consolidação de uma identidade literária para o grupo, já que reforçou laços estabelecidos em torno de um mesmo ideal estético e de interesses em comum. Tornou possível um aprendizado sobre práticas a serem buscadas e que se tornariam definidoras dos modos de viver daquele grupo de amigos:

*No Rio Grande, Coelho Neto foi cercado por uma atmosfera de admiração e simpatia. Os rapazes mais novos, como Filipe d'Oliveira, Álvaro Moreyra, Homero Prates, Eduardo Guimaraens, estabeleceram a comunicação dele com a geração nascente, de que aqueles jovens poetas era os epígonos (FONTOURA, 1958: 74).*

As conferências literárias, assim como as redações de jornais, algumas praças e livrarias, certas ruas da cidade – como a rua da Praia, rica em cafés e bares – e os salões de algumas residências foram cruciais para o estabelecimento de laços entre os letrados rio-grandenses numa época em que havia muitas dificuldades para se encetar uma carreira literária. Na impossibilidade, ou com restritas possibilidades, de agir em conjunto por meio da difusão de sua literatura através da publicação de suas obras (criando, assim, um debate centrado nos próprios conteúdos e formas estéticas divulgadas), estes intelectuais se congregavam em torno de locais de sociabilidade estabelecidos por eles próprios.

Pode-se dizer que foi em decorrência desta intensa vida de calçada, na rua, da adesão a certos espaços públicos, de reunião, que um lugar de extrema relevância para a vida literária gaúcha – como a Livraria do Globo – pôde se constituir a partir da década de 1930 (TORRESINI, 1999). Sem desprezar os fatores econômicos que tornaram possível a existência de uma casa editora tão bem sucedida, a ponto de formar talentos como Erico Veríssimo, certamente o estudo da intensa sociabilidade porto-alegrense nas primeiras duas décadas do século XX é muito importante para compreender a possibilidade de formação de novas gerações literárias – a despeito, repito, das restritas possibilidades de atuação nesta área – e da estruturação de maiores investimentos

editoriais em literatura. Em outras palavras, ainda que nosso objetivo seja compreender os grandes livros, autores, obras e editoras, é um passo necessário compreender o mundo literário antes ou fora de seus sucessos.

### **Referências bibliográficas:**

AZAMBUJA, Graciano (Dir.). *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1900*. Porto Alegre: Gundlach & Krahe Livreiros, 1899.

BERNARDI, Mansueto. “Vida e poesia e Eduardo Guimaraens”. In: GUIMARAENS, Eduardo. *A Divina Quimera*. Porto Alegre: Globo, 1944.

COARACY, Vivaldo. *Encontros com a vida: memórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FONTOURA, João Neves da. *Memórias*. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Editora Globo, 1958.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio... Modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999.

GONZAGA, Alcides. *Homens e coisas de jornal*. Porto Alegre: Globo, 1944?.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: URGs/IEL, 1978.

MOREYRA, Álvaro. *As amargas, não...* Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *História de um sucesso literário: olhai os lírios do campo*, Erico Veríssimo. Porto Alegre: Literalis, 2003.

WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. *Plural*, Sociologia, USP, São Paulo, 6. p. 139-168.